

CONFERÊNCIAS

OS ESTUDOS HISTÓRICOS EM FRANÇA: DECLÍNIO OU EVOLUÇÃO? (*)

FRÉDÉRIC MAURO

Professor na Universidade de Paris X.

O prestígio daquilo que se convencionou chamar de Escola Histórica Francesa parece ser grande no Brasil e no mundo. Depois de 1930, sob a pressão do movimento dos *Annales*, os métodos se transformaram, os campos se alargaram, objetivos ambiciosos foram atingidos e ultrapassados. O sucesso surgiu nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. E se confirmou em seguida. Mas o crescimento mesmo de nossa disciplina a coloca, como muitas outras, numa situação difícil, põe em jogo sua própria natureza. Sobre o futuro da história temos razões de otimismo e razões de pessimismo.

*

As razões do pessimismo.

Estas últimas são numerosas e a menos importante não é a vulgarização mesmo da história. Existe neste momento em França um gosto mórbido do grande público pelo Passado. O "Hitler? Não o conheço" de uma certa juventude é um fenômeno de marginalização. Jovens e velhos lêem os *magazines* históricos que são postos à sua disposição pelos jornaleiros e pelas bibliotecas das estações (*Historia, Carrefours de l'Histoire*, etc.). Os romances históricos gozam de um mercado estavel. Podemos observar ainda neste momento *L'Histoire d'Angleterre* ou *L'Histoire d'Allemagne* de André Maurois nas vitrines das nossas livrarias. Quando a obra alcança um grande sucesso, pode ser

(*) — Conferência proferida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1973. Texto em francês traduzido por E. Simões de Paula. (*Nota da Redação*).

reeditada com uma rica ilustração, sob formato maior, com uma encadernação de pano ou de couro. Os franceses, que são um pouco colecionadores, compram as grandes coleções para ornamentar suas bibliotecas.

Sucesso idêntico no mundo audiovisual: os filmes históricos não se contam mais; as emissões da Rádio e sobretudo da Televisão que utilizam assuntos históricos são muito populares, com conferencistas muito apreciados pelos telespectadores, como André Castelot ou Alain Decaux. Travam-se geralmente debates entre muitas pessoas ou se fazem reconstituições comentadas.

Mas, direis, que há nisso de perigoso para a ciência histórica? A resposta é fácil. A história que se dá aos telespectadores e aos leitores de *magazines* é uma história anedótica, pois é muito tradicional, feita por jornalistas e literatos pouco ao corrente da evolução da nossa disciplina, das suas problemáticas, das suas técnicas. É a célebre história "événementielle" que nos dá a superfície das cousas e contra a qual combateram muitas gerações de historiadores. É o contrário de uma história científica. Aliás, ela própria recusa essa qualificação. Para seus autores, como para seus clientes, a história é um gênero literário e artístico. Trata-se de realizar esse sonho do homem que é o de ressuscitar o passado, para aí se transportar, de ver "como se aí estivesse".

Não pretendemos proibir a utilização da matéria histórica pela arte e pela literatura. Existe nisso um "passatempo" agradável, uma atividade na qual todo o encanto reside precisamente no fato de que ela não apresenta caráter utilitário. O perigo é que a opinião pública transforme a história em "passa-tempo", fazendo-a aparecer quase como um luxo, como uma atividade secundária, cujo lugar nos programas de ensino deve ser reduzido, cujo lugar na pesquisa é inexistente e inútil, com a qual, por conseguinte, o Estado não tem necessidade de se preocupar, reservando-se para as disciplinas sérias, como a física e a economia. Financiar-se-á, pois, facilmente um projeto de pesquisa apresentado sob o título de econômico ou sociológico, ignorar-se-á os trabalhos classificados como trabalhos de história. Existe aí uma mentalidade perigosa para os historiadores.

*

Uma outra razão de pessimismo para a ciência histórica reside na ambição, no gosto e na vontade das diversas ciências humanas de querer fazer história. Muitos economistas, sociólogos e geógrafos não pensam, como nós, que a história é o conjunto das ciências sociais do passado e que as outras ciências sociais são ciências do presente e do

futuro. Para eles, as ciências sociais são ciências teóricas e a história é ciência concreta, aplicação da teoria aos casos particulares. Utilizando o passado como matéria, construíram análises desse passado que são verdadeiros estudos históricos. É por isso que muitos livros publicados, muitas teses defendidas, em geografia ou em economia são de fato teses de história. Poderíamos citar algumas experiências pessoais. Por exemplo: a Universidade de Toulouse convidou-nos no último inverno para fazer parte de uma banca examinadora da tese de Julien Eymard, sobre *Le miroir dans la poésie classique française*. Tratava-se de uma tese de literatura e de história literária: mas esta se apoiava na história econômica, porque o desvio da rota das especiarias por Vasco da Gama obrigou os arruinados venezianos a criar “indústrias substitutivas de importação”. A indústria do vidro e do espelho tornou-se muito importante, chegando a influenciar os costumes do consumidor europeu e suscitar as reflexões do poeta. Mas citaremos antes de mais nada três exemplos brasileiros. O primeiro é a tese de “terceiro ciclo” de Moacyr Palmeira defendida em 1971 perante a Universidade de Paris V sobre o *Latifundium et Capitalisme au Brésil: lecture critique d'un débat*. O autor analisa as discussões entre autores brasileiros e estrangeiros sobre o caráter medieval ou moderno da colonização portuguesa na África. Não é um assunto de história? Neste mesmo ano Luciano Martins acaba de defender perante a mesma Universidade uma tese de doutorado de Estado intitulada *La politique de développement au Brésil, 1930-1964: structure du Pouvoir et Système de Décisions*. A obra pretende ser ao mesmo tempo história, sociologia política e politologia. Mas na medida precisamente em que a sociologia política e a politologia são retrospectivas, elas são história, tese que o autor aliás fundamenta em pesquisas de arquivos, em papéis pessoais de alguns estadistas brasileiros, em particular para os estudos monográficos que ele nos dá sobre o papel do governo na criação de Volta Redonda, da Petrobras, sobre a energia elétrica e a indústria automobilística. Enfim, Yves Leloup na sua tese de doutoramento de Estado na Universidade de Paris I sobre *Les villes du Minas Gerais*, defendida em 1970, que nos oferece tanto uma história geográfica dessa rede urbana, quanto de geografia prospectiva. Poderíamos assim nos estendermos longamente sobre numerosas teses preparadas ou defendidas por especialistas de línguas, literaturas e civilizações hispânicas e que são de fato teses de história, as vezes não muito ao corrente de nossos métodos, mas apresentando muitas vezes, apesar de tudo, algum interesse. Pode-se perguntar, cada vez mais, para que serve o historiador e se não valeria mais a pena dividir a história entre as diferentes especialidades das ciências humanas?

Essa situação explica os preconceitos de numerosos especialistas das ciências humanas contra a história dos historiadores. Eles consideram muitas vezes os historiadores como documentalistas encarregados de lhes fornecer os materiais necessários para que possam elaborar suas construções teóricas. Aliás, o papel desses documentalistas é ainda diminuído pela atitude mesmo do sociólogo ou do economista, sobretudo preocupados pelo presente e o futuro e que acham facilmente que o tempo consagrado ao passado é tempo perdido. Parece, por exemplo, que no *Institut d'Études Politiques* de Paris, se pudermos acreditar nas informações recebidas, tinha-se recentemente armado uma ofensiva contra a participação da história nos programas de exames e dos concursos administrativos que o Instituto prepara. Foi necessário, parece, a intervenção eficaz de alguns especialistas, para restabelecer a balança a favor da ciência histórica.

*

Uma terceira razão do nosso pessimismo reside nas dificuldades que encontra em França, cada vez mais, a pesquisa histórica. E inicialmente no seu financiamento. As necessidades de outras disciplinas aumentaram muito, as verbas consagradas às ciências físicas e humanas não aumentaram no ritmo desejado. Assim, a mesquinha parte da história se faz cada vez menor. A reforma da Universidade, multiplicando as bibliotecas, diminuiu as verbas recebidos pelas grandes bibliotecas de pesquisa. Essa situação atrapalha bastante o historiador, para quem a biblioteca é o instrumento vital. O economista, o físico ou mesmo o sociólogo — cuja biblioteca é mais limitada — se interessam sobretudo pelos últimos artigos aparecidos sobre o seu campo de pesquisa. Enfim, existe um conflito permanente entre o sistema das teses, essencialmente individualista e sobre o qual repousa a carreira dos pesquisadores e as necessidades de trabalho coletivo e interdiciplinar da pesquisa atual.

Outra fraqueza da pesquisa: a formação de pesquisadores. No ensino secundário, depois de alguns anos, uma verdadeira “especialização” obriga os alunos a escolher sua orientação e sua carreira desde a idade de 14 ou 15 anos. Aqueles que seguem uma orientação “literária” recebem uma bagagem matemática e científica insuficiente. Ora, os titulares dos bacharelados (*baccalauréats*) científicos fazem mais estudos de ciência, de medicina, e de engenharia civil ou industrial; a história e as ciências sociais recrutam principalmente os bachareis de formação literária. Estes são mal preparados em história econômica e o serão cada vez menos pelos outros domínios da história que utilizam a matemática cada vez com maior intensidade. Essa formação “literária” explica também o pouco gosto dos historiadores

pela teoria que é, entretanto, necessária em história econômica. O sucesso da história demográfica e da história social é em parte devido — é necessário reconhecê-lo — ao menor esforço dos pesquisadores. Enfim, o célebre concurso de *agrégation* de história, se ele mantém o alto nível cultural e intelectual dos pesquisadores, retarda sua formação técnica (ciências auxiliares, teoria econômica, línguas vivas) e por isso está longe de prepara-los diretamente para a pesquisa.

Também não se protestará jamais bastante contra o que poderemos chamar de “hexagonalismo” da pesquisa histórica, isto é, a tendência dos historiadores franceses em fazer sobretudo a história da França e em considerar a história dos outros países como negligenciável. Isso por diversas razões. A primeira é que eles falam pouco ou mal línguas estrangeiras e, se gostam de viajar, sentem-se pouco atraídos pela perspectiva duma estadia prolongada num país longínquo. A segunda é que uma estadia no estrangeiro compromete muitas vezes uma carreira: se é facilmente “esquecido” pela administração francesa e pelos colegas mais velhos encarregados de zelar pelas etapas dessa carreira. Muitas vezes censurou-se o professor que ensinou no estrangeiro por não ter “experiência de ensino” (*sic*)! Sobretudo, parece mais fácil e mais rentável, do ponto de vista metodológico, trabalhar nos arquivos franceses, abundantes, bem organizados, inventariados e oferecendo assim todas as vantagens de um laboratório ricamente dotado para as experiências metodológicas as mais variadas. É mais fácil trabalhar sobre um período num departamento francês do século XIX do que sobre uma província andina do século XX. Certos historiadores de renome que já tinham consagrado uma parte de sua vida a países estrangeiros, mesmo longínquos, voltam-se para a história da França. É o caso do próprio Fernand Braudel e do seu discípulo Pierre Chaunu, segundo o que nos disseram eles próprios.

Ora, se outros países europeus têm a mesma tendência, o mesmo não acontece nos Estados Unidos, país no qual os trabalhos versam sobre todas as regiões do mundo. Qualquer que sejam os julgamentos de valor que se podem ter sobre esses trabalhos — e alguns são excelentes — eles se caracterizam por um grande rigor, uma grande riqueza documental e uma abundante informação que os torna muito úteis a todos. Junto aos de outros países de língua inglesa formam um *corpus* científico impressionante. Para que os trabalhos franceses não sejam submersos por eles, seus autores devem desenvolver um grande esforço de originalidade e de qualidade. Isso não é absolutamente impossível, se levarmos em conta certos fatores favoráveis da conjuntura histórica francesa atual que são, para nós, razões de otimismo.

* *

*

As razões de otimismo.

Os fatores que nos podem tornar otimistas são diversos e muitas vezes ligados àqueles que nos tornam pessimistas. A situação é sempre ambígua. Por exemplo, é perigosa a vulgarização da história e o gosto que por ela tem o grande público. Mas o sinal de uma grande curiosidade para com o passado, pode fazer nascer vocações de historiadores. O apelo passa muitas vezes por vias indiretas e numerosos são aqueles que, atraídos quando jovens pela história anedótica, acabam, quando adultos, formados em história estrutural. Procurando a primeira poderiam não encontrar a segunda. Aliás, os melhores especialistas tentam agora aproveitar as facilidades oferecidas pelos jornais, as revistas, a televisão e o cinema para por o público a par da pesquisa histórica atual, dos seus verdadeiros problemas, das suas dificuldades e também dos seus resultados e do seu interesse. O jornal *Le Monde* oferece a cada semana a seus leitores muitas páginas redigidas por alguns historiadores universitários de renome — muitas vezes membros da *École Pratique des Hautes Études* e mais especialmente da VI secção. A televisão oferece reportagens sobre Fernand Braudel, sobre alguns dos seus colegas dessa VI secção e, em particular, recentemente, sobre Emmanuel Le Roy Ladurie que foi entrevistado, assim como seu colega, um físico norte-americano, sobre a utilização da física nuclear na análise das moedas e no estudo das correntes monetárias do XV ao XVIII século.

*

Outro exemplo de ambiguidade da situação: si as outras ciências humanas invadem muitas vezes o território do historiador, o trabalho bom ou mau que elas oferecem fornece muita matéria à história. De um lado apresentam ao historiador problemáticas novas e sempre renovadas que o mesmo pode aplicar ao passado e no qual, justamente, ele pode se inspirar para construir sua própria problemática. Citamos o caso da famosa teoria quantitativa da moeda que se enriquece cada dia pelas novas contribuições e se aplica finalmente melhor ao passado do que ao presente. As ciências humanas, como as ciências físicas, põem também à disposição da história uma gama variada de técnicas auxiliares: a linguística quantitativa (semântica e estilística), a documentação, as matemáticas e a estatística, o carbono 14 e a física nuclear. Os especialistas de ciências humanas escrevem, como já vimos, numerosos trabalhos de história, utilizáveis pelos historiadores. Alguns dentre eles têm uma grande cultura histórica, como Luciano

Martins que acabamos de citar. Suas obras são, pois, muitas vezes obras de história, melhores mesmo do que as de muitos historiadores. O essencial é que eles sejam considerados como tais pelos historiadores e bibliógrafos e colocados nas bibliotecas de história. Enfim os economistas, sociólogos e geógrafos participam com os historiadores em numerosas empresas interdisciplinares. No domínio latino-americano citamos a existência do Laboratório Associado do CNRS nº 111 instalado no *Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine*, em Paris, onde se acotovelam as quatro disciplinas que acabamos de indicar. Citamos ainda a *Recherche Coopérative sur Programme* consagrada ao *Rôle des villes dans les développements régionaux en Amérique Latine*. Lembramos enfim os diversos colóquios interdisciplinares consagrados à América Latina pelos pesquisadores franceses: o de Bordéus em 1963 sobre a América Latina no XX século, o de Toulouse em 1964 sobre “os problemas das capitais na América Latina”, o de Paris de 1965 sobre “Os problemas agrários das Américas Latinas” e o de 1971 sobre “A história quantitativa do Brasil de 1800 a 1930”.

Quanto ao hexagonalismo da pesquisa histórica francesa, é necessário convir que em toda a nova geração percebe-se o esforço voltado para sair dele. A facilidade de viagens, em particular para os jovens, sem dúvida contribuiu para essa supressão do exotismo, ou melhor, do sentimento do exotismo, ao qual Claude Levi-Strauss fazia alusão nos seus *Tristes Tropiques*. A organização da cooperação técnica, bilateral ou multilateral, permitiu a jovens historiadores fazer seu serviço militar ensinando durante dois anos num país não europeu. Eles aproveitaram muitas vezes para reunir ou completar a documentação de uma tese de terceiro ciclo e ei-los logo consagrados como especialistas do Perú, do Congo ou do Laos. A *École des Langues Orientales*, venerável instituição onde se ensinam todas as línguas não européias e mesmo aquelas da Europa de Leste, é cada vez mais frequentada por estudantes de história que queriam em seguida preparar sua monografia de mestrado sobre a China ou o Japão: infelizmente o chinês não se aprende tão facilmente como a história e eles não são capazes de ler os textos chineses. Pelo menos adquirem o gosto pelas cousas orientais e um certo sentido das línguas do Oriente que podem ser a origem duma vocação mais profunda e mais duradoura. Não há dúvida que existe um pouco de moda nessa mania. Uma certa juventude é maquista. E, para a América Latina, sabemos muito bem que foram sucessivamente o México, Cuba e o Chile que estiveram na moda, porque foram sucessivamente os países da revolução. Entretanto, as modas, mesmo as modas políticas passam, mas as vocações podem subsistir e as obras que os farão mestres. Sem dúvida o número de “cadeiras” consagradas à história “regional” é ainda fraco nas Universidades fran-

cesas. Temos notícia de que existem três para a América Latina (duas em Paris e uma em Toulouse), uma para os Estados Unidos (Paris), meia dúzia para a história da África (Paris, Toulouse, Aix-en-Provence), duas talvez para a história da Ásia (em Paris). Mas é necessário, para ser justo, acrescentar as cadeiras do *Collège de France*, as *Directions d'Études* da *École Pratique des Hautes Études* e as *Directions* ou *Maîtrises de Recherches du CNRS*, cujo papel é importante nessas disciplinas em evidência (dois historiadores da América Latina na *École Pratique des Hautes Études*). Além do mais, certos historiadores ocupam cadeiras de história geral, mas podem ser grandes especialistas “regionais” (como Jean Meyer, professor na Universidade de Perpignan e especialista em México).

*

Enfim, o mais encorajador é sem dúvida a renovação perpétua dos métodos e dos domínios da pesquisa histórica. A história econômica encontrou um novo impulso com a história quantitativa de Jean Marczeuski. A história social adquiriu sua autonomia em relação aos outros ramos da história pela ampliação das pesquisas que exige e pelo seu caráter serial e quantitativo. A história demográfica foi um grande sucesso da Escola francesa, seguida pelos ingleses da Escola de Cambridge e pelos brasileiros de São Paulo, Curitiba, Bahia, Rio de Janeiro. Três outros domínios merecem uma particular atenção:

a). — *a história das mentalidades* que representa ao mesmo tempo o estudo do nível mais profundo da história cultural e o aspecto reflexivo e subreflexivo da história política ou econômica em relação à história social. A história demográfica ela própria quer ser também “mental”. Após o estudo das atitudes dos franceses do século XVII perante a vida, desenvolvida por Philippe Ariès, eis que os historiadores se interessaram pela atitude de seus ancestrais deante da morte, como aparece em teses recentes sobre a Provença e sobre o Anjou. A arte da literatura, os arquivos judiciais são fontes preciosas para esse gênero de pesquisa. Os textos devem ser utilizado à luz da linguística aplicada à história. Sobre esse assunto deve-se ler o livro de Régine Robin, *Histoire et Linguistique*, que acaba de ser publicado pela editora Colin.

b). — *a história política* estava para ser refeita, porque tinha permanecido “événementielle”. Ela aproveitou-se da problemática fornecida pela politologia, isto é, pela ciência dos mecanismos do poder. Luciano Martins, para a tese citada mais acima, consultou 5.000 títulos norte-americanos de politologia. A história política deve ser e será cada vez mais, antes de mais nada, uma politologia retrospectiva apoiando-se sobre uma sociologia política e uma geografia política re-

trospetiva. Mas a nova história política aproveita-se também dessa enorme fonte que é a imprensa e dos métodos desenvolvidos para o seu estudo pelos especialistas do *Institut Français de Presse*: análise quantitativa e qualitativa do conteúdo e, além disso, a aplicação da linguística aos textos jornalísticos segundo um método comparativo, permitindo verificar as diferenças de mentalidade entre os países, os jornais, as épocas.

c). — *a história natural* aparece como o quadro importante da história humana. A história geográfica, criada por Fernand Braudel, encontrou uma renovação com a história marítima sob o impulso de Michel Mollat e com a história dos climas à qual nos iniciou Emmanuel Le Roy Ladurie. A marca da história nas cousas e a natureza e a da natureza na história, são tão fortes que este último historiador pode, nós já o vimos, com a idéia de um físico norte-americano, estudar as correntes monetárias do século XVI analisando as moedas antigas pelos processos da física nuclear. Enfim, a antropologia física pela hemotipologia de Jacques Ruffié trouxe uma contribuição capital à antropologia cultural, à demografia histórica e à história psicológica.

* * *

Permanecemos ainda, sem dúvida, hesitantes e indecisos diante de nossa análise. Podemos dizer que finalmente os motivos de otimismo sobrelevam sobre os do pessimismo? Não construímos uma oposição um pouco artificial, prevendo inicialmente as críticas por uma autocrítica para melhor glorificar em seguida a nossa disciplina, o meu país e meus companheiros de trabalho? Talvez essas questões tenham pouca importância se pudermos mostrar finalmente as diversas facetas do problema. Permitiríamos somente fazer duas observações. A primeira é que não é importante — salvo por razões estritamente corporativas — a de defender a todo custo a unidade da ciência histórica ou sua existência mesmo como disciplina autônoma: o essencial é fazer progredir o conhecimento que o homem tem do mundo, de si próprio e das suas relações; as vias e os meios devem ser os mais apropriados, quaisquer que eles sejam. A segunda observação nos foi inspirada pela experiência desses últimos anos. É necessário que a história permaneça uma disciplina aberta, consciente dos progressos metodológicos que ela ainda pode realizar, tudo fazendo para disso se aproveitar. Tudo isso porque, como toda disciplina, ela é não um domínio das cousas, mas um ponto de vista sobre as cousas (as palavras também são cousas). Considerando tudo o que foi dito, como já o repetimos muitas vezes, para um químico, a batalha de Waterloo foi um conjunto de reações onde entraram o azoto, o carbono, o oxigênio e o hidrogênio.